

Dia do médico

Guido Arturo Palomba

A Medicina, teria dito Cícero: É *ars* honesta e eu acrescento, cordial... Para mim, Medicina é mais do que profissão, é uma instituição, pelas suas raízes sócio-biológicas. O que me empolga é a transparência – esse impulso de penetrar nos seus segredos sempre desafiante. (Péricles Rocha)

Os médicos comemoramos o 18 de outubro Dia do Médico, por ser consagrado a Lucas, o Evangelista, o “amado médico” de Paulo, o Apóstolo.

A data é comemorada oficialmente graças ao devoto médico Eurico Branco Ribeiro (1902-1978), que muito insistia junto às autoridades constituídas para que a referida data fosse oficializada. Contou com a preciosa ajuda de outro mestre da Medicina, o então deputado estadual, Abrahim Dabus, homem sensível às causas esculapianas, que elaborou Projeto de Lei, aprovando-o, na sessão da Assembléia Legislativa de 30 de novembro de 1971, a seguir sancionado pelo governador do Estado, Laudo Natel.

O 18 de outubro de há muito é cultuado em outros países, como França, Inglaterra, Itália. Bélgica, Espanha, Portugal, por meio de missas e reuniões culturais, patrocinadas notadamente por Associações de Médicos Católicos. Na Argentina o dia foi oficializado no ano de 1944.

O erudito médico professor Glastone Machado nos mostra, em lapidar síntese publicada há anos neste Suplemento Cultural (n.º 79), que entre nós comemora-se o Dia do Médico desde o início

do século passado, cabendo a Arnaldo Vieira de Carvalho as primeiras iniciativas isoladas, “com a celebração de uma missa de ação de graças, seguindo-se um almoço de confraternização a que compareciam as figuras gradas da classe”.

Em verdade, 18 de outubro é, para os médicos, data propícia a manifestação de sentimento, a vibrações arquetípicas do inconsciente coletivo, o qual entra em sincronicidade com o sacrossanto de que se reveste a Medicina. Embuídos desse espírito, em nome dos membros do Departamento Cultural da Associação Paulista de Medicina, cumprimentamos todos os médicos e seus preclaros familiares pela efeméride.



Gougerot e nós

Bernardo Bedrikow

Ela era chamada por nós Madame Gougerot. Nós éramos os estudantes de medicina que, entre 1940 e 1950, trabalhávamos no Posto Antivenéreo instalado pela Secretaria de Segurança Pública do Estado de São Paulo na zona então conhecida como do baixo meretrício.

Por que Gougerot? Esse era o nome de um célebre especialista francês, autor de um tratado de dermatologia e sifilografia recomendado por nossos professores na faculdade de medicina e utilizado como livro-texto em nosso curso. Madame morava no sobradinho ao lado do posto, ou "postinho", como era conhecido. Senhora de seus 50 anos, bem conservada, bonita, discreta no vestir e no tratar, falava seu francês com sotaque polonês, ou de outro país europeu. E como sabia um pouco de tudo, e certamente de doenças venéreas, um de nossos colegas deu-lhe o apelido, aceito pelos outros e por ela mesma.

A zona ocupava alguns quarteirões próximos da Rua José Paulino, vizinha, das sinagogas mais antigas, residências e lojas de israelitas, que haviam visto com revolta a decisão do governador do estado de ali concentrar as meretrizes, que se espalhavam pelos Campos Elísios e imediações. Os sobrados geminados de repente viraram bordéis, a área ficou quase interdita, sujeita a forte policiamento, de intenso movimento dia e noite.

Um antigo diretor de departamento da Secretaria de Segurança convenceu o secretário a usar parte de uma receita estadual clandestina, mas real, a chamada verba do jogo do bicho, para financiar uma dependência da secretaria destinada principalmente ao controle sanitário das meretrizes.

Controle propriamente nunca chegou a haver, com cartão autorizando o exercício da atividade, pois todos duvidavam de sua eficácia: nenhuma garantia da sanidade poderia ser proporcionada à mulher que teria facilidade para ser contaminada no mesmo dia do controle. Mas o posto foi criado e seu diretor, ativo e

empreendedor, estruturou-o para várias funções – e funcionava, efetivamente, das 12 às 24 horas, todos os dias.

No período noturno, os frequentadores encontravam, a custo ínfimo, atenção preventiva, para ser recebida logo após o ato sexual: lavagem copiosa com água e sabão, lavagem uretral bactericida e aplicação de pomada antitreponema, para evitar, respectivamente, a pitíriase (piolho púbico ou chato), a gonorréia, a sífilis, o cancro mole e a quarta-moléstia. Também à noite, os homens contavam com exame médico para diagnóstico e tratamento.

Durante a tarde, eram atendidas as mulheres para consulta e tratamento de doenças venéreas e outras, e, ainda, recebiam várias atenções criadas pelo diretor: curso de alfabetização, orientação pré-natal, encaminhamento para o parto e contato com uma instituição destinada a mães solteiras que passava também a cuidar das crianças recém-nascidas.

Nosso diretor não vinha com frequência ao posto, mas acompanhava de perto seu funcionamento, exigindo e mantendo o padrão de atendimento e um clima de respeito aos clientes, principalmente às mulheres. Por meio de contato com a Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, contratou um ginecologista que acumulava a função de diretor médico, um urologista, um dermatologista e um analista clínico. Foi montado um pequeno laboratório, mas suficiente para diagnóstico das doenças mais frequentes e não apenas as venéreas, mas também a tuberculose pulmonar, entre outras.

E nós? Uns dez ou doze estudantes, alguns já próximos da formatura, outros em início de curso, recebendo pequeno salário, mas bem-vindo, nos revezávamos nos dias de semana e nos plantões de sábado e domingo. Foi um grupo bom, assíduo, trabalhador, dedicado, estudioso. Nos minutos de folga, estudávamos as matérias da escola e "torrávamos" nas vésperas dos exames. Colaborávamos com os médicos, e chegamos, com sua

orientação, a fazer algumas pesquisas sobre doenças venéreas e seu tratamento, publicadas em revistas médicas. Gostaria de poder citar cada um, identificá-lo, falar sobre suas características e suas carreiras posteriores. Aprendemos muito sobre venerologia, e muito mais sobre comportamento humano, alguma sociologia e até filosofia.

Além de nós, auxiliares médicos, trabalhavam no posto dois auxiliares administrativos, dois serventes, uma auxiliar de enfermagem, um auxiliar de farmácia, e dois guardas-civis. Uma turma de amigos, sempre dispostos à ajuda mútua. Os guardas-civis, por exemplo, com sua farda azul, além do policiamento preventivo, ajudavam, quando necessário, nos atendimentos. Um deles, de origem lituana, tinha o número 2 na corporação, portanto, um dos mais antigos em atividade.

Mais do que a pura rotina diária, víamos a zona meio romântica, com seus vícios e pecados, mas também com sua enorme dose de humanidade. Além das brigas, a quantos episódios assistimos! O postinho sempre foi respeitado. Cito um caso: num princípio de tarde, antes de o guarda ter chegado, bem à porta do posto um indivíduo começou a agredir uma mulher. Um de nós, estudante de plantão, interveio: "Aqui no posto, não!". Como o homem prosseguisse na agressão, nosso colega, baixinho e forçado, não teve dúvida: pegou a mulher no colo, carregou-a para dentro do posto, e deixou o proxeneta boquiaberto na rua.

E Madame Gougerot? Além de sua atividade normal, foi sempre amiga da turma do posto e, em mais de uma ocasião, ofereceu lanche a um colega retardatário. Hoje, com a divulgação que se fez em romances e no filme sobre Oswaldo Cruz, sobre as "polacas" do Rio de Janeiro e sobre seus sepultamentos, nossa Madame Gougerot seria mais uma polaca em São Paulo.

Bernardo Bedrikow

é professor de Medicina do Trabalho

Minha insólita metrópole

Minha insólita metrópole, capital de todos os absurdos! Música eletrônica em fundo de serenata, paisagem cubista com incrustações primitivas, poema concreto envolto em trovas caboclas.

Cidade feita de cidades, bairros proclamando independência, ruas falando dialetos, homens com urgência de viver.

Oceano feito de ilhas, ilhas chegando, ilhas sangrando, ilhas florindo.

Os céus cansados do concreto que arranha. Cresce o mar das periferias.

No barco dos barracos navega um sonho. No fundo de cada um dos cidadãos do mundo, dorme a província.

Ali a velha igreja com seu campanário esperando a mantilha da noite.

Anúncios luminosos piscam obsessões. O asfalto é irmandade de credos.

No centro, todos os vícios e todas as virtudes convivem nas esquinas da São João.

Os domingos são quebrados. Cabem

dentro da tela de cinema, do aparelho de televisão, da página do jornal, do campo de futebol.

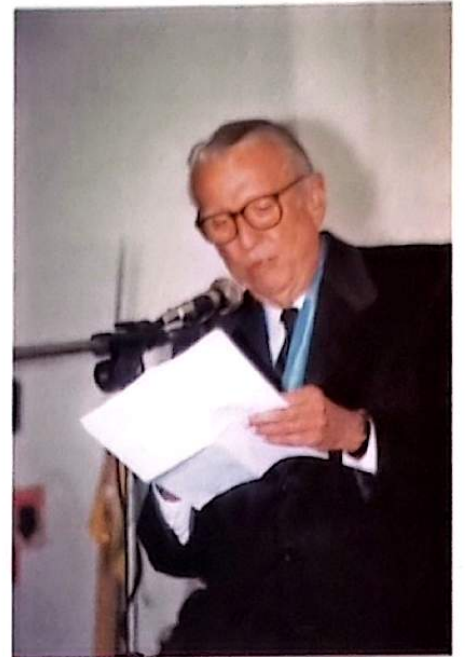
O metrô é mergulho no inconsciente urbano. Nele o mesmo silêncio dos elevadores. Convívio de sonâmbulos, de antípodas da fila de ônibus e do trem de subúrbio onde há tempo para o cansaço florir num sorriso.

Aqui o verde é esperança cobrindo o frio de existir.

Teatros e o balé da multidão, museus contemplando o quadro dos que se agitam, orquestras e a sinfonia de uma época em marcha. Nestes tempos modernos, Carlito, operário ou estudante, comerciante ou burocrata, é técnico em sobreviver.

Planalto dos desencontros, porto dos aflitos, rosa de eventos onde até o futuro tem pressa de chegar.

Mal-amada cidade de São Paulo. EU TE AMO!



Opoeta Paulo Bomfim

Urticária gigante

Quando estudante, morava em pensão do tipo existente na época, ou seja, cama e comida.

Procurava residir ao longo da Avenida Brigadeiro Luiz Antônio, passagem obrigatória do bonde e do ônibus com destino à Escola Paulista de Medicina.

Se não me engano, tinham o número 47 e estampavam o destino Vila Clementino.

Não satisfeito com o local onde vivia, transferi-me para uma nova pensão, chegando à mesma num domingo à noite.

Arrumei roupa e demais pertences nos armários disponíveis. Na verdade, um pouco cansado, fui dormir e, noite avançada, despertei com forte coceira pelo corpo.

Pensei comigo mesmo: “Minha urticária está brava... não sei o que comi, que me fez mal”.

Como a comichão se acentuava sobremaneira, acendi a luz e, para minha perplexidade e repugnância, estava sendo sugado por inúmeros percevejos de variados tamanhos.

Levantei-me rapidamente, ainda de madrugada. Tomei banho. Vesti roupa limpa. Arrumei novamente a mala e fui para a rua, aguardar que o dia amanhecesse e clareasse. Retornei às primeiras horas da manhã e a dona da pensão, já de pé, perguntou-me cordialmente: “Acordou cedo, meu filho!... É seu hábito?”

Possuído de intensa raiva, expliquei-lhe a razão e fui embora, apesar de pretender fazer uma dedetização completa, que deveria ter ocorrido, quando concretizei os detalhes para lá residir.

Nem sempre prurido é sinônimo de urticária – que se cuidem os alérgicos.

Mário de Mello Faro
é médico fisiologista

A valsa e outras reminiscências musicais

Luiz Gastão Costa Carvalho Serro-Azul

Ao professor Luiz V. Décourt

*...não me tirem d'alma esta saudade que é meu sangue, meu ser;
meu pão, meu tudo.*

(Olegário Mariano 1889-1958)

O disco de rótulo preto, em suas 78 rotações por minuto na vitrola portátil sobre a mesa de laqué verde claro, reproduzida "Moças de Viena", valsa de Carl M. Zeihret (1843-1922), lá pelos idos dos anos 30. Foi escolha certa de meu pai me levar ao primeiro arrebatamento e superou o causado por "A la Orilla de un Palmar" e "Ay! Ay! Ay!", cantadas por Tito Schipa e tocadas logo depois. Discos e fonógrafos dessa época, entretanto, não acompanharam as facilidades da radiodifusão que se foi tornando a mais ampla fonte de entretenimento.

O rádio, em programa vienense, até antes da Segunda Guerra Mundial, irradiava melodias que se misturavam com os sonhos da adolescência. Títulos das mais gratas eram cuidadosamente anotados para futura aquisição, o que só aconteceu dez anos depois! Todavia, "Uma Noite em Budapeste", até hoje procurada, foi exceção, só me ficou indelével na memória, mas nada soube acerca de sua autoria.

Valsas de diferentes procedências também são de entusiasmar. As "francesas" de Émile Waldteufel (1837-1915) exibem uma introdução quase sinfônica, como as vienenses de Strauss Filho, seguida por uma cadeia de variações: "Os Patinadores", "As Sereias", "Sempre ou Nunca", por exemplo eram cultuadas tanto em Paris como em Viena. O germânico Paul Lincke (1866-1915) produziu famosas operetas, como "Luma" e "Lysistrata" cujas valsas, talvez por seu estilo, eram tidas como "inglesas". A "Valsa Triste" do tcheco Oscar Nedbal (1834-1930) é linda e a mais melancólica do gênero. Da América, "Numa Pequena Cidade da Espanha" e "Romana" percorreram o mundo e deram fama a Mabel Wayne (1900-1978). Valsas argentinas, em particular as chamadas *criollas*, também são bonitas, e ainda mais quando em arranjos com instrumentos típicos, como o charango. O romeno Iosif Ivanovici (1845-1902) compôs as maravilhosas e mundialmente conhecidas "Ondas do Danúbio" (valsa do aniversário) e "Carmem Silva". "Sobre as Ondas", maravilha de Juventino Rosas (1868-1894), brasileiro, ganhou fama internacional e foi orquestrada pela Sinfônica de Viena dirigida pelo grande Robert Stolz, cuja gravação obteve o Grand Prix du Disque, Academia Charles Cros.

A *Hora da Saudade*, dirigido por Décio Pacheco Silveira, tendo como principal atração o seu Conjunto Serenata, veio a ser programa de maior agrado para os saudosistas de então e ensi-

nou-me a amar as valsas brasileiras, como "Rapaziada do Braz" e "Luar de São Paulo" (Alberto Marino), "Rapaziada do Bom Retiro" (G. Negrini), "Saudade de Minha Terra", "Noite de Reis" (Décio Pacheco Silveira), "Flor do Mal" (Santos Coelho), "Clube XV" (Oscar O. Ferreira), "E o Destino Desfolhou", "Arrependimento" (Gastão Lamounier), "Tardes de Lindóia", "Branca" (Zequinha de Abreu), "Saudade de Mário" (Raul Torres e Antenogenes Silva), "Cascata de Lágrimas" (Moncyr Braga).

E a valsa ficou sendo o fio condutor na busca da beleza nos diversos gêneros musicais.

Outros programas tiveram êxito. Assim, "A Severa" opereta com Dina Theresa, um sucesso, foi apreciada por todos de casa, alguns sentados na escada, e eu deitado, porque febril. Horas de música italiana eram comuns e agradáveis. Então conheci as vozes de Gigli, Schipa, Carlo Buti, na ocasião muito difundidas. Analogamente ocorreu com melodias argentinas, os magníficos tangos na voz do insuperável Carlos Gardel, de Mercedes Simone, de Libertad Lamarque, e também desta última a valsa "Uma Lágrima". A orquestra de Francisco Canaro marcou época e, mormente para mim, quando executava "Frou-Frou", valsa.

Ademais, me faz bem lembrar de "Oh, Doce Ministério da Vida", "Chiribiribi", "Minha Esperança", que cantaroladas por minha avó Argentina, afirmavam-se clarear uma fase cinzenta da nossa existência.

O cinema teve seu papel na difusão de melodias, embora mais direcionado para as comédias musicais. Em seus primórdios, entretanto, os filmes mudos eram sonorizados por meio de composições descritivas, como "Num Mercado Persa", "No Jardim de um Mosteiro", e "Ao Luar", de notável suavidade, de Albert Ketelbey (1875-1959). Três produções cinematográficas foram surpreendentes: *100 Homens e uma Menina* mostrou-me a grandeza de uma orquestra, a de Filadélfia, regida por Leopold Stokowski, executando a "Rapsódia nº 2", de Liszt, e o apoteótico "Libiano" ("... homenagem à beleza, ao vinho e ao prazer... à vida e ao amor... que passam rapidamente"), da *Traviata*, encantador na voz da jovem Deana Durbin; "Vivere" cantada por Tito Schipa, no filme de mesmo nome, passa numa véspera de domingo no cinema do nosso bairro e, ao seu término,

no, admirado presenciei a platéia de adolescentes ovacioná-lo arduamente; *Viúva Alegre*, de 1934, revisto há pouco tempo, mostra uma combinação tão perfeitas entre cinema e música que será impossível sobrepujá-la. Foi magistralmente dirigido por Ernst Lubitsch (alemão com verve francês) e interpretado pela dupla Jeanette Mac Donald e Maurice Chevalier, que se ajustavam tão bem como os compassos da valsa às cenas cujas imagens se multiplicavam entre espelhos paralelos.

Música ao vivo era evento pouco freqüente. Restam tênues lembranças de quando, ainda menino, sentado ao portão (1: casa da rua Vergueiro, 1931-1940) ouvia de piano e cordas promovidos pelos vizinhos da residência em frente, ou ao dedilhar do violão – chorinhos e sambas – alegrando a sala de visitas de outro morador. Todavia, daquela rua, que era a “minha rua”, a mais recorrente recordação foi “Raio de Sol”, valsinha de Taffarella, que **distante surdinava** em solo de clarineta.

Assisti a uma orquestra, pela primeira vez, numa comemoração colegial executando “Chuva de Ouro”, valsa de Waldteufel, e até agora consigo solfeja-la. Em ulterior festividade, a marcha “Velhos Camaradas” (Teike e Mörike) foi o ponto alto; em outra ocasião, no auditório da Rádio Cultura, o show de marinhas ao executar “Dança das Horas” (A. Ponchielli, 1834-1886) proporcionou-me interesse pela parte instrumental da ópera.

A chegada da minha primeira vitrola (2: casa da rua Apeninos, 1941-1951) ocorreu no começo dos anos 50. Guiado pelas anotações, há anos engavetadas, conseguiu os primeiros discos de 78 rotações que em pouco tempo deram lugar aos long-plays.

Ainda jovem, ao descer a escada, extasei-me imoto ao ouvir pela primeira vez o “Prelúdio e Morte de Amor” de Wagner, pela Orquestra Filarmônica de Berlim, regida por Wilhelm Furtwängler.

A tarde de um sábado dessa mesma época foi memorável. Em companhia de Luiz Décourt e Bernardino Tranches, visitei Walter Maffei para conhecer sua aparelhagem fonográfica, de construção recente. Assim, um bom alto-falante sob a figura em tela de uma orquestra, caprichosamente bordada pela esposa do nosso anfitrião, transmitia excelentes gravações: abertura de Tannhäuser; “Serenata”, K525, e “Concerto 21”, K467, de Mozart; minuetto do “Quarteto op. 5, nº 3”, de Haydn; sonata “Patética”, de Beethoven; e o monumental “Concerto para Cello”, de Dvorak. Ter ouvido pela primeira vez o andante do “Concerto nº 21”, o mais belo de todos os movimentos lentos para piano e orquestra, constitui o grande evento desse dia. Quem sabe se foi por esta composição, ou pelo concerto de clarineta, ou por causa de “Laudate Dominus”, que Manuel Bandeira (1886-1967) versejou:

*...melodias jamais ouvidas voavam nas linhas
suplementares superiores da pauta*

Um momento se suspendeu a contemplação infável

A virgem beijou-o na testa

E desde então Wolfgang Amadeus Mozart foi o mais moço dos anjos.

Conto sobre músicas que causaram impacto emocional às primeiras audições. Não faço discriminação entre peças de salão, populares, operísticas ou clássicas. Importa o seu dom, momentâneo ou pouco a pouco, de extasiar a alma. Esse arrebatamento íntimo pode não depender unicamente das harmonias sonoras, mas, em especial, das recordações de locais, circunstâncias e circunstantes, da época em que foram sentidas. São lembranças que conduzem a impulsos conscientes ou subconscientes, contidos pela razão, de voltar aos tempos bons ou maus, próximos ou remotos, onde jazem sonhos e quimeras. Elas vivem em nos nostalgia e nos seguem por toda a vida.

Onça a modesta valsinha...

*Meu pensamento toma as asas de um beija-flor,
Mil vezes mais veloz procura as nossas três antigas casas,*

Duas não mais existem...

Aí, em cada uma das três antigas casas,

Deposita um beijo mil vezes mais terno

Do que o beijo do beija-flor.

Era pouco comum a escolha de uma obra sem alguma hesitação. Com efeito, a existência de unanimidade é denominador comum entre críticos e entre os colecionadores. Um autor americano, por exemplo, cotejando Beethoven e Brahms em seus Concertos para Piano nº 5 e nº 2, respectivamente, dizia que, até então, nada se concluíra sobre qual deles era superior, e o mesmo acontecia em relação aos seus concertos para violino. Mas, para as minhas aquisições, procurava as opiniões de pessoas mais entendidas. Bons conselhos do professor Décourt facilitaram a lenta formação da minha discoteca.

Alguns concertos e sinfonias logo me entusiasmarão: Artur Schnabel, ao piano, nos Concertos K466, K467, K491 e Concertos nº 3, 4 e 5 de Beethoven. Joseph Szigeti, violino, em concertos de Brahms e Beethoven, e, ainda deste, as sonatas “Primavera” e a de nº 7, op. 2 (3: casa da Rua Abílio Soares, 1952-1955).

Interesse inicial pelas sinfonias de Beethoven foi despertado pelas de nº 3, 5, 5 e 9, esta última por causa do celestial andamento, e pelo ineditismo do seu coro inesperado, ou realmente aguardado porque ia se sentindo que lhe faltava a voz humana; de fato, a entrada do barítono é surpreendente, em especial na antiga gravação de Felix Weingartner. Artur Rubinstein, piano, na sonata “Appassionata” de Beethoven, especialmente na última gravação, dada a sua idade avançada, produzia notável emoção. O Trio Arquiduque e o “Septeto op. 20” são tão fundamentais como a maioria de suas sonatas – para piano, violino ou cello – e dos seus quartetos. Ou, melhor, nada pode ser rejeitado da obra de Beethoven.

A “Sinfonia nº 1”, de Brahms e a “Inacabada”, de Schubert, eram indispensáveis.

E a grande surpresa dos anos recentes foi o “Quarteto para Piano –”, de Schumann, cujo lindíssimo andamento lamento ter conhecido tão tarde.

Comentários aprofundados sobre qualquer obra musical são próprios da crítica especializada. Contudo, sentir a melodia,

sentir o desempenho de músicos e cantores constitui processo subjetivo independente de análise objetiva. Em verdade, a ficção até pode dar maior realce à importância interpretativa. Assim, Romain Rolland (1866-1944) conta que seu personagem Jean Christophe, certa vez, decepcionado e abatido, presenciava um seu admirador, um homenizarrão, cantar seus *lieder*; de início, apenas se impunha o aspecto grotesco do intérprete, mas tal imagem ia se desfazendo enquanto só a beleza da música ganhava o domínio do ambiente na mais bela interpretação que o próprio maestro jamais ouvira.

Pode parecer mais simples, ao mero amador, valorizar o desempenho das interpretações vocais que o das instrumentais:

Maria Callas, soprano, em "Casta Diva" de Bellini (1801-1835) realiza uma inexcusável maravilha do belo canto.

Jaqueline François em "L'âme de Poètes" e Jack Lantier, em "Grisérie", "Quando o Amor Morre", e "Si Petite", ou Serge Reggiani em "Paroles", de Jacques Prévert, famosos da fase "retro" são exemplos que entusiasma os apreciadores do sotaque francês. E uma gravação, incomum em nosso meio, exemplifica o feitiço de boemia dos bulevares com o *organiste barbare* realejando valsas como "Sob as Pontes de Paris", acompanhado por singular "cantor popular". "A Marselhesa" (Rouget de Lisle/Berlioz) em arranjo para solo, duplo coro, "Pequenos Cantores", e orquestra comprova a primazia que desfruta entre todos os hinos nacionais.

Erich Kunz foi o intérprete por excelência de melodias como a enternecedora "Minha Mãe Era Vienaense".

Arroubo supremo foi determinado pela voz de Diter Fischer Dieskau, barítono, nos *lieder* de Schubert, cujas gravações foram consideradas um monumento à música. Ama-se "Nacht und Traume" ou a célebre "Serenata".

Por outra, Janet Baker, mezzo-soprano, executou belíssimos solos do próprio Schubert, bem como de Mahler, da magnitude de "Canções do Caminhante" ou de "Canções Sobre a Morte da Criança".

Outrossim, Gilbert Schuchter nas obras pianísticas de Schubert – "Fantasia Wanderer", "Momentos Musicais", "Impromptus" e os "Klavier Stücke" – comprova, em todas, a inspiração divina do compositor.

Canções de Schipa e de Gigli são de beleza incomum desde o começo dos anos 20 e mesmo em qualquer época "Non ti Scordar di me", deste último, como o próprio título, é inolvidável. Por outra, o folclorismo napolitano é bem representado por Roberto Murolo, do qual esplêndida coletânea a muito custo consegui completar. Por sinal, Dante Nesse, bom e saudoso audiófilo de fins de semana, alegre e emocionado, traduzia as lindíssimas "Reginella", "I te Vurria Vasa", "Luna Caprese" e muitas outras.

Entre op nacionais, de impacto já longínquo, nunca esqueço de Gastão Formenti em "Maringá" de Joubert de Carvalho, e na versão de "Maringá" de Joubert de Carvalho, e na versão de "Ramona", por Olegário Mariano; Jayme Redondo em "Saudade", de sua autoria; Orlando Silva em "Nada Além", de Mário Lago e Custódio Mesquita; e, não importa qual seja o intérprete, da simplicidade já clássica de "Fita Amarela" ("...não quero choro

nem vela, quero uma fita amarela gravada com o nome dela"), letra de Noel Rosa. Mas, sempre há lugar para mais uma valsa, no caso "Nossa Senhora do Amparo", de Décio Pacheco Silveira, com orquestra e coral, é comovente. "Lê Lac de Come" (G. Galos), pela insigne pianista Lygia Alimonda, foi gravada, a meu pedido, para se tornar lembrança das mais nostálgicas – minha mãe tocando-a ao piano, apesar de não praticar há décadas.

Enfim, voltemos às valsas. Embora quase todas sejam apaziguadoras, é certo que o seu encantamento varia segundo as modalidades de suas interpretações. "Danúbio Azul", a rainha delas, é admirável em qualquer das suas versões: sinfônicas, de Robert Stolz a Von Karajan; orquestrais de salão, em conjuntos populares; pelo quinteto de cordas Alexandre Schneider; ao piano pelo duo Crommelynck; na voz de Erna Sack (o rouxinol alemão); ou pelos Meninos Cantores de Viena, o melhor coral do mundo, segundo Arturo Toscanini. Foi, porém, há 50 anos, num bairro longínquo que uma lavadeira vizinha, num modesto tratar dessa valsa, me fez melhor cogitar da sua imortalidade.

O quarteto "Schrammeln", para dois violinos, clarineta e guitarra, na segunda metade do século XIX, teve como principais compositores os irmãos Schrammel, Johann e Josef, e Alois Strohmayr. "Viena, sempre Viena" marcha de autoria do primeiro deles, se afigura uma espécie de hino da cidade, porém "Dialeto Vienaense" e "Weana Gamüath", também de Johann, são amostras maiores da beleza de valsas apropriadas para quatro instrumentos.

As comemorações do fim do século XIX, nos Estados Unidos, foram marcadas pela presença de Johann Strauss II diante da enorme orquestra. Não houve o esperado resplendor pósterio, foi o início do fim da hegemonia da valsa nos salões.

Com a decadência da valsa, os conjuntos orquestrais dos *musicalls* assumiram importante papel no direcionamento da música popular, estimulando a indústria de entretenimento americana, que, no século XX, se impôs como influência dominante em todos os países.

Peças musicais simples e as menos complexas, porque requerem menos concentração, são as mais tocadas. Aquelas dos concertos sinfônicos ou de câmara, obrigam que se tenha especial disposição de espírito para serem bem aproveitadas, mas, quando são realmente amadas, podem ser sentidas mesmo quando não ouvidas.

Em verdade, certo número de discos não provocou entusiasmo à primeira audição, mas lentamente acabaram encantando; e outros raramente são repetidos. Contudo, faz-me bem sabe-los comigo – as vibrações musicais são perenes como as das estrelas. Há sempre o momento para despertar um sentimento de beleza.

Ao declinar do dia, restará a esperança de ouvir uma das "minhas" músicas. Nunca poderei escolher que será... Todas elas, por um ou outro motivo, fazem parte da minha saudade.

Luiz Gastão Costa Carvalho Serro-Azul
é médico clínico geral

Diabo

José Carlos Barbuio

Quem criou o Diabo? Com certeza não foi Deus, pois, pela sua grande bondade, seria um paradoxo fazer nascer o monstro do mal. Outra pergunta: O deus da crueldade sofre no inferno? Pinturas encontradas sinalizam que ele é feliz fazendo pessoas sofrerem. É um paradoxo. Por que esta aparência, tão divulgada, com chifres, rabo, cor vermelha, se no início eles eram, comumente, reproduzidos em *azul*? Deve-se naturalmente à imaginação fértil dos pintores. O diabo, de simples *anjo caído* (anjo rebelde) da *Bíblia*, ganhou força entre os anos de 800 a 1300 (mais ou menos), quando a Igreja e os imperadores começaram a atrair para si os

poderes das comunidades locais. Iniciou-se uma aguerrida luta para a centralização de poderes nas mãos da Igreja e de reis. Essa guerra pela conquista de adeptos também fez surgir a Inquisição e o Purgatório. Este último não tem registro nas Sagradas Escrituras. É um produto de "engenharia" teológica para, acredito eu, "amenizar" a fatal dualidade Inferno – Céu ou para efeito de "salvação de almas". Em suma, podemos afirmar que a Igreja, para ganhar seguidores, foi quem tornou o Demônio tão *temível*. Com paciência e sutileza, usando também símbolos heréticos, incorporou-o e fez dele um contraponto da bondade de Cristo. Na história das re-

ligiões, o diabo é sempre o Outro, aquele que não concorda conosco, aquele que nos contraria. J. Conrad disse que existe suficiente maldade dentro de nós, para não precisarmos da existência de um ser maligno. Outra observação: estudiosos de teologia, intérpretes importantes, afirmam que o Diabo apenas trabalha para Deus, faz o serviço sujo de jogar o lixo para fora. Atualmente, a religião católica apostólica romana afirma que ele existe e precisa ser combatido. As religiões cristãs dissidentes também acreditam nele e na sua força.

José Carlos Barbuio
é advogado e jornalista

Anedotário médico (parte IV)

Oswaldo Lacreta

Outro mestre de Medicina Clínica, o professor Celestino Borroul, amado pelos alunos, pela modéstia, cultura e simplicidade, logo teve o criptônimo "Celestehino"!

O Ministro da Saúde da Alemanha, ao falar da profilaxia e luta contra cólera advertiu: o cólera pertence, à semelhança do tifo, ao grupo das doenças infecciosas do canal intestinal, sai pelas fezes e entra pela boca. Então, bom apetite, proclamou um dos presentes!

Circulava no Pronto Socorro do Hospital das Clínicas um jornalzinho chamado "Alspeni". O nome veio de um português autêntico, porquanto, ao adentrar o hospital com dores no abdome disse ao plantonista: acho que é o apêndice, mas pronunciou Alspeni...

Jovem esposa vai ao facultativo pedir-lhe explicações sobre sexo: o que é a coisa comprida que meu esposo tem embaixo? É o pênis, e a vermelha, na ponta? É a glândula, e

aquela redonda, 20 cm atrás? O médico, admirado, diz: cara senhora, eu não conheço seu ilustre marido, mas para mim é o trazeiro.

O auxiliar da Cadeira de Fisiologia se chamava Xilór, nascido no interior de São Paulo. Ele, ao ministrar aula de metabolismo das proteínas, dizia serem os produtos finais do metabolismo dessa matéria orgânica: Xilól, Indól e Escatól, mas ele, seguindo a tradição caipira, recitou: Xilór, Indór e Escatór! Todos ignoravam o verdadeiro nome.

Certo cirurgião, fumante inveterado, costumava, em plena atividade, pedir à enfermeira para introduzir-lhe na boca um cigarro, do qual extraía, relaxado, grandes baforadas.

Cunha Motta, inefável catedrático de Anatomia Patológica, tinha pavor de infectar-se, por isso, ao adentrar qualquer sala, protegia-se com a borda do avental ao pôr a mão na fechadura!

Procurando rimas

Acordei com vontade de escrever
um sentimental e belo soneto.
Pensei... pensei... procurando o verseto,
mas ele não surgia para mim.

Persisti das palavras à procura:
umas românticas, cheias de ardor,
para rimá-las com calor e amor;
não..., e um triste cheio de agrura

que pudesse então rimar com saudade;
também não..., que tal um todo bucólico,
que terminasse num verde terceto;

não ..., nem um só verso de qualidade
surgia, mas então vi no papelico
que já estava escrito este meu soneto.

José Rodrigues Louza

A desmemoriada

Sá Rita
à varanda,
quietinha,
fita
um mundo que não sente.
Para seus olhos baços
o mundo é diferente:
seu povo,
sua terra, sua gente,

pedaços de história
que se perdem longe,
confusamente,
na cinza inútil da memória.

Sentada à varanda,
Sá Rita,
quietinha,
pita.

Hudson Hubner França

Minha casa

Lá no verde da Cantareira
tem minha casa com porteira
tem estrada pelo bosque
com entrada para o amigo
e um parecer de antigo.

Tem encanto, céu anil, chão de estrelas
agapanto, pau-brasil e palmeiras.

Tem sossego, macaco e tucano
pica-pau, festa junina todo ano.

Tem quaresmeira, quietude e João-
de-barro
roseira, camélia e coisas em que me
amarro.

Tem silêncio, romã e resedá
hortênsia, flamboyant e ingá
pinheiros por todo canto
em cada canto o sabiá.

Tem amora, beija-flor e jasmim
d'angola, pasto e cupim.

Tem calmaria, coruja e pomar.
Uma casa, um ninho, um lar.

Tem jacu, bambu e capela,
fogo-apagou, fogão a lenha e tigela.
Tem piquete, ateliê e ipê.

Minha casa tem tudo
E sobretudo
Tem você.

Pedro Paulo Siqueira Camargo

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Guido Arturo Palomba – **Diretor Adjunto:** Alfredo de Freitas Santos Filho

Conselho Cultural: Duílio Crispim Farina [presidente (*in memoriam*)] / Carlos Alberto Salvatore /
Antônio Valdemar Tosi / Marisa Campos M. Amato / Rui Telles Pereira / Yvonne Capuano / João Marques Teixeira

Cinematoteca: Wimer Botura Júnior – **Pinacoteca:** Aldir Mendes de Souza

Museu de História da Medicina: Jorge Michalany – **Coordenação Musical:** Dartiu Xavier da Silveira